

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: VINICIUS PELOGIA

Como contusões mudam o futuro de jovens atletas

Lesões interrompem trajetórias promissoras e revelam a fragilidade da carreira esportiva juvenil

Repórteres: Enrico Lima e Arthur Lara

A trajetória de jovens jogadores de futebol, marcada por treinos, viagens e sonhos, pode mudar de forma irreversível quando acontecem sérias lesões. Para muitos, é o fim do sonho, uma perda da sua própria identidade que foi construída desde cedo. Com a pressão emocional, o sentimento de fracasso, a dificuldade em retornar aos estudos e por onde ir, esses jovens precisam enfrentar um recomeço para o qual nunca estiveram preparados. Longe da mídia, dos torcedores e dos estádios, o refazer da vida pessoal e profissional acontece em silêncio, sem apoio do público e dos clubes. Vinicius Pelogia, 25 anos, nasceu em Ribeirão Preto e é ex-atleta profissional de futebol. Profissionalmente, passou pelo São Bento de Sorocaba, mas jogou em vários outros clubes na base pelo interior de São Paulo. Hoje realiza Administração e é empreendedor.

era uma fase muito boa. Com 12, 13 voltei para cá pra Cravinhos. Joguei na equipe da Prefeitura Municipal até uns 16, 17 anos. Sobre minha família: foi difícil. A distância sempre pesa, principalmente sendo criança. Mas meus pais sempre me apoiaram. Sempre me deram suporte.

E a escola? Conciliar estudo e futebol era complicado?

Sim. No terceiro ano principalmente. Eu comecei a viajar muito, perdia aula. Mas consegui levar. Depois voltei, fiquei um tempo estudando normal e, mais para o fim do ano fui pra Jaguariuna. A gente ia tentar jogar a Copinha, mas não deu certo. Com 19 anos voltei pra casa, fui jogar Futebol Society e lesionei meu joelho. Ruptura de cruzado, menisco... primeira lesão séria. Meu mundo desabou.

Na primeira lesão que você sofreu já quis parar?

Sim. Quem já teve lesão de joelho, sabe. O pós-

operatório é muito difícil, dolorido. Para voltar no alto nível demora. Mas voltei com sete, oito meses. Aí fui brincar no Society de novo, torci o joelho, rompi parcialmente de novo. Depois rompi total e precisei de nova cirurgia. Isso tudo com 19 e 20 anos. A segunda foi na pandemia. Muito complicado, mas deu tudo certo, Fiquei 12 meses parado.

Qual era sua meta no futebol? Você pensava grande?

Claro, todo jogador sonha em jogar num time gigante, num Real Madrid, Seleção...Mas, a lesão atrapalha. Hoje, se aparecer algo, eu vou. Ainda tenho esse sonho.

E você ainda gosta de jogar? Sente a mesma paixão, como antes das lesões?

Jogando, sim. Paixão é a mesma. Torcer que diminuiu. Porque eu vivi dentro do futebol e sei como funciona. Nem sempre joga o melhor.

Isso desanima. Mas jogar... isso eu amo igual."

E trabalhar com esporte? Ser auxiliar, fisioterapeuta, treinador?

Já pensei, mas não sei se me encaixo. Já pensei em ser fisioterapeuta esportivo, sempre conversei muito com fisioterapeutas, mas também não me vejo. Por isso estou fazendo Administração. Quero seguir no empreendedorismo, já que vendo doces, tenho loja online.

Voltando às lesões. Quem ficou ao seu lado? Sua família, amigos? Mudou seu ciclo de amizades?

A amizade muda muito. Nas redes sociais muita gente tenta se aproximar, mas depois da lesão vi que muitos não ficaram. Poucos mandaram mensagem. Mas, meus pais sempre estiveram comigo, sempre.

No começo de sua carreira, o que foi mais complicado para você, como um jogador de base?

Alojamento, comida e distância da família. Esses três. Só time grande tem estrutura boa, alojamento bom, comida boa. Alguns foram ruins. Pirajuí, por exemplo, foi uma péssima experiência: arroz com hambúrguer congelado, salsicha, sem água, às vezes calor absurdo... fiquei só uma semana e meia.

E dos amigos que você fez na base, ainda mantém alguns?

Sim, alguns de Campinas, alguns perto de São Paulo.. Mas, é difícil por causa da distância. Mas mantemos contato pelas redes.

O São Bento de Sorocaba foi o clube onde você assinou seu primeiro contrato profissional. Você jogou a Copa Paulista por esta equipe. Como foi? Você se destacou?

Como eu não tinha empresário, é difícil se

destacar. Treinei em diversas posições, minha posição é meia armador, mas quase nunca joguei ali. Tive boa relação com os treinadores, mas sem empresário é difícil ter oportunidade.

E depois dos contratos, o que fez da vida?

Desanimei um pouco pelo que vivi. Voltei, precisava focar no estudo, recuperar o tempo. Comecei a empreender. Deixei o sonho de lado, mas não descartei totalmente.

Depois dessas tentativas de profissionalizar como jogador, quem mais te ajudou a decidir sua vida?

Meus pais. Eles sempre foram minha base. Eu pego a opinião deles e tiro minhas conclusões.

O que você deixa de mensagem para quem sonha em ser jogador?

Quem sonha nunca deve desistir. Sempre dar o máximo, sempre. Quem sonha e busca, alcança. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)

MURAL ENTREVISTA – Como você começou a gostar de futebol? Como eram os primeiros treinos, a rotina, a família...

principalmente por você ter ido jogar em outra cidade. VINICIUS PELOGIA – Tudo começou quando eu era criança, né? Paixão por futebol, Brasil... a gente já cresce vivendo isso. No começo eu era bem ruim, sem mentira (risos). Comecei com uns 5, 6 anos. Quando eu tinha uns 9 anos fui para o Rio de Janeiro porque meu pai foi trabalhar lá. Aí fui pegando mais gosto, comecei a treinar, jogar sozinho. Tive vontade de jogar na escolinha do Flamengo e comecei a jogar lá. Foi onde eu mais desenvolvi. Dos 9 até uns 11, 12 anos. O pessoal falava que eu era prodígio,

